

ORIENTADORES EDUCACIONAIS: DILEMAS SOBRE SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Arlete Cherobini ORTH^{1*}; Marister Grutzmann BUCHMANN²

1. Faculdade La Salle, Lucas do Rio Verde – Mato Grosso, Brasil.

2. APAE, Lucas do Rio Verde – Mato Grosso, Brasil.

*Autor Correspondente: arlete@faculdadelasalle.edu.br

Recebido em: 22 de janeiro 2019 – **Aceito em:** 04 de dezembro de 2019

RESUMO: Este estudo discorre sobre a importância dos orientadores educacionais e os dilemas vividos por estes profissionais na abordagem da sexualidade no ambiente escolar. Elegeram-se como objetivos desta pesquisa debater sobre a importância da Orientação Educacional quanto ao tratamento da sexualidade no ambiente escolar; reconhecer a importância da abordagem da educação sexual na construção do saber realizado de forma harmoniosa pelos alunos; verificar como o trabalho do professor pode ser realizado de maneira dinâmica quanto à questão da sexualidade; e conhecer as principais dificuldades enfrentadas pelos orientadores educacionais no trato da sexualidade com os aprendizes. Para atender a proposta do presente trabalho optou-se pela abordagem qualitativa, sendo o relato apresentado de forma discursiva, utilizando-se pesquisa bibliográfica. Foram abordados os seguintes assuntos: infância e adolescência, educação sexual de crianças e adolescentes e dificuldades e desafios vivenciados pelos orientadores educacionais no trato da sexualidade junto aos alunos. A pesquisa bibliográfica foi realizada entre 28 de abril e 22 de outubro de 2018. Como principais resultados deste trabalho podem-se afirmar que: a sexualidade é inerente ao ser humano, por isso a necessidade de ser abordada no ambiente escolar; e geralmente professores e pedagogos têm dificuldades em trabalhar este assunto com os alunos. Conclui-se que os educadores, dentre eles os atuantes na área de Orientação Educacional, necessitam superar suas dificuldades quanto ao tratamento da sexualidade nas escolas mediante a construção de um perfil adequado, o que será de grande importância para o bom entendimento deste tema por parte dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Orientação. Alunos.

INTRODUÇÃO

A Orientação Educacional caracteriza-se como um trabalho de mediação entre professores e alunos, escola e família, resgatando uma educação de qualidade. É no pensar e agir partindo de questões reais, concretas na vida dos alunos, vendo-os como atores de sua própria história, que o orientador educacional é capaz de ajudar o educando na formação de sua autonomia e cidadania, construindo uma teia de relações que o ajudam a sentir-se seguro e adaptado à escola.

Um tema que está presente no dia a dia da Orientação Educacional é a sexualidade. O comportamento humano face à libido possui um longo desenvolvimento, surgindo já nos primeiros anos de existência do indivíduo. Diferentemente de relação sexual, a sexualidade é a energia que motiva a pessoa a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, de tocar e de se socializar com outros sujeitos.

Na atualidade verifica-se um grande número de dilemas, incertezas e inseguranças envolvendo a prática da Orientação Educacional. E isto ocorre também em relação à abordagem da sexualidade nas escolas. Os orientadores educacionais, geralmente, não conseguem devidamente lidar com este tema junto aos seus alunos, o que os faz perder seu norte, não sabendo adequadamente para onde ir e o que fazer.

Em vista desta realidade, elegeu-se, como tema deste estudo a sexualidade, destacando-se a importância dos orientadores educacionais na abordagem deste tema no ambiente escolar, bem como os dilemas vividos por estes profissionais nesta tarefa.

Entende-se que, para que possam crescer como pessoas e evoluir em seus conhecimentos, crianças e adolescentes precisam de educadores. E, quanto à escola, é sua tarefa e desafio assumir efetivamente, em parceria com os pais, a função de proporcionar aos alunos em desenvolvimento oportunidades de evoluir como seres humanos, preparando-os para a sociedade

que os espera. Quanto a isso, entende-se que aspectos relacionados à sexualidade são de suma importância para a formação de personalidades sadias e capazes de conviver harmoniosamente com o mundo que cerca os educandos, futuros adultos.

Refletindo acerca do papel do orientador educacional no contexto escolar, percebe-se que este profissional é uma figura extremamente importante, uma vez que o ato de ensinar requer interação com o sujeito que está aprendendo, e isso exige também maior atenção e compromisso com o seu trabalho e, conseqüentemente, com o aluno, que é o principal elemento nos processos de ensino e de aprendizagem.

Em vista desta realidade, pergunta-se: como a Orientação Educacional pode contribuir para adequadamente abordar o tema sexualidade entre crianças e adolescentes?

No intuito de responder à questão problema, definiu-se como objetivo geral deste estudo, discorrer sobre a importância da Orientação Educacional quanto ao tratamento da sexualidade no ambiente escolar.

E, para alcançar o objetivo geral, definiram-se como objetivos específicos:

- a) Reconhecer a importância da abordagem da educação sexual no processo ensino-aprendizagem realizado de forma mais harmoniosa, tranquila e fecunda pelos alunos;
- b) Verificar como o trabalho do professor pode ser realizado de maneira mais dinâmica quanto à questão da sexualidade vivida por crianças e adolescentes;
- c) Conhecer as principais dificuldades enfrentadas pelos orientadores educacionais no trato da sexualidade com os aprendentes.

Justifica-se a realização deste estudo, visto a constatação de que, nos dias atuais, o mundo está carente de valores éticos e morais: fome, guerras, corrupção dos

governantes, mentiras, desigualdade social. E um grande número de outras injustiças e violências diariamente vem à tona, não só em noticiários de jornais, mas também na realidade imediata de muitas pessoas, o que inclui o âmbito da sexualidade infanto-juvenil, como abusos, por exemplo.

Dessa forma, visto a atualidade e relevância deste assunto no meio educacional, em especial no que se refere à educação infanto-juvenil, justifica-se a elaboração do presente trabalho, elaborado a partir de pesquisa bibliográfica, cujos resultados podem favorecer grandemente para a instauração de uma construtiva aprendizagem escolar, contribuindo, assim, para o bom desenvolvimento do processo sexual protagonizado pelas crianças e adolescentes.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração deste trabalho optou-se pela pesquisa bibliográfica. Conforme Silva (2003) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aqueles que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados largamente dispersos pelo espaço.

Desenvolveu-se a referida pesquisa no período de 28 de abril a 22 de outubro de 2018 mediante a consulta a livros, artigos científicos, trabalhos acadêmicos na área de Educação publicados em meios tangíveis e na internet. Após a leitura e seleção do material capaz de trazer relevantes informações para a concretização deste estudo procedeu-se análise qualitativa, sendo os resultados apresentados em forma discursiva.

Conforme Silva (2001) a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre a esfera real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo que não pode ser traduzido em números. A interpretação

dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, sendo que o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente, uma vez que o processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Verifica-se que é importante conhecer os aspectos conceituais que envolvem a infância a qual, segundo Scottini (1998, p. 248) é compreendida como o: “Período da vida humana que vai de zero aos doze anos de vida, criançice”.

Por sua vez, na concepção de Ximenes Neto (2007), a adolescência é a fase do ser humano em que meninos e meninas, em meio aos mais variados tipos de crises, tentam transformar a criança que existe dentro delas, valendo-se de novas vivências, transformações e aprendizados, objetivando que, por meio desta metamorfose, possam renascer como adultos aptos a atuarem na sociedade em que estão inseridos.

Ximenes Neto (2007) frisa que durante a infância devem ser reconhecidos os padrões de heterogeneidade e também aspectos comportamentais que envolvem a afirmação da personalidade deste segmento de pessoas, bem como o desenvolvimento sexual e espiritual, a busca e realização de projetos de vida e autoestima. Em relação a este aspecto evidencia-se que:

A adolescência é a fase de transição entre a infância e a idade adulta, quando o desenvolvimento da sexualidade reveste-se de fundamental importância para o crescimento do indivíduo em direção a sua identidade adulta, determinando sua autoestima, relações afetivas e inserção na estrutura social. (HERCOWITZ, 2002 apud SILVA; TONETE, 2006, p. 200).

A partir destes processos, não raro, iniciam-se diversas crises que, se não forem devidamente acompanhadas, são capazes de

levar o infante a atos inconsequentes, tais como, práticas sexuais sem a adoção de medidas de proteção, o que pode resultar tanto em doenças sexualmente transmissíveis (DST), com destaque para o vírus da imunodeficiência humana (HIV), quanto à prematura paternidade e maternidade.

Bouzas e Miranda (2004) ressaltam ainda mais as transformações que ocorrem no período infanto-juvenil ao exporem que a adolescência constitui um período de acentuadas alterações físicas, psíquicas e sociais. Por exemplo, em poucos anos a menina transforma-se em mulher, e o menino em homem, criando uma nova identidade, o que, não raro, gera questionamentos, ansiedades e instabilidade afetiva. Levisky (2002) enfatiza que esta é uma fase de inquietude, de indagações, enfim, um complexo período caracterizado por já se estar preparado para o ato sexual ou não, ter maturidade sexual ou ser imaturo.

Ainda quanto a esta questão, Silva e Viana (2001) expõem que a transição do ser infantil para o ser adolescente precisa submeter-se a perdas inerentes ao corpo, ao papel e identidade infantis. O adolescente passa a não mais se reconhecer em seu corpo, e questiona-se a respeito da sua própria identidade: ao mesmo tempo em que hostiliza os pais, deseja sua atenção. Tanto ansia por viver seu novo estado quanto sente perder a antiga familiaridade que lhe dava segurança.

EDUCAÇÃO SEXUAL DIRIGIDA A CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Segundo Lisboa (1998) há um elevado número de professores que alegam não saber como tratar corretamente de assuntos relacionados à sexualidade na educação infanto-juvenil. De acordo com o autor esse fato pode ser analisado sob dois aspectos principais: o primeiro, que revela certo descuido da Administração Federal, Estadual e Municipal em tornar público as suas políticas educacionais, e em segundo lugar o desinteresse por parte dos profissionais da educação em inteirarem-se

acerca das políticas educacionais brasileiras. Porém, independentemente dos motivos apresentados, a formulação dessas políticas não se restringe somente ao governo: discutir acerca da sexualidade na escola é, ao mesmo tempo, um direito e um dever de cada um, e em especial dos professores, que assim estarão colaborando para tornar realidade a utopia que acredita que uma nova educação e uma nova sociedade são possíveis e concretizáveis.

DIFICULDADES E DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS ORIENTADORES EDUCACIONAIS NO TRATO DA SEXUALIDADE COM OS ALUNOS

Desde sempre a sexualidade foi vista por pedagogos e professores como um assunto parcimonioso, difícil de ser tratado com os alunos. Ainda hoje a sexualidade mostra-se como um desafio a ser vencido nas salas de aula e de Orientação Educacional. Muitos profissionais da Educação não se sentem preparados ou cometem equívocos ao não abordarem a temática da sexualidade no ambiente escolar, o que vem a ser um grande erro, visto que a escola é um ambiente ideal para tratar deste tema. Quanto a este aspecto verifica-se que:

Na função de trabalhar pedagogicamente o que a criança ainda não sabe, mas que está querendo saber, está a verdadeira função do professor: estimular a curiosidade e depois trabalhá-la elucidando-a da melhor maneira possível, sem autoritarismo, ou seja, sem unilateralismo, sem exaltar a sua explicação como a única verdade possível (SOBREIRA, 2003, p. 38).

Em seus estudos, Sobreira (2003) constatou que os professores e orientadores educacionais, dentre outros profissionais da educação, não gostam, não querem e acham que não precisam tratar de problemas relativos à sexualidade, uma vez que existem outros profissionais, como médicos e psicólogos, que são capacitados para tal e que são especialistas. Portanto, nesta forma de entendimento, estes últimos tratarão do

problema de forma correta, forma esta que os educadores não poderiam tratar, pois não são especialistas no assunto. A partir desta constatação identifica-se uma fuga do tema, aspecto que necessita ser, urgentemente, trabalhado nas escolas deste país. O ainda autor observa que:

A família pode ser motivo para não tratar do assunto, pois ela é que deveria ensinar, inibir a sexualidade da criança e não deixar que esta se manifeste em outros âmbitos da sociedade, principalmente na escola que é um dos lugares proibitivos da sexualidade. A fuga nesse sentido se torna mais fácil, é só chamar os pais, reforçar o seu papel de repressor da sexualidade, e se não funcionar a culpa por uma sexualidade "desviada" se torna deles e não da escola ou do professor. Afinal, as encíclicas papais norteiam tais assuntos para a esfera da família, fato que é afirmado pelas políticas públicas (SOBREIRA, 2003, p. 37).

Assim, para Sobreira (2003), tudo se torna justificados motivos para desviar do assunto. Em casos de indisciplina em sala de aula, por exemplo, os educadores tendem a desviar a atenção do sexo para a indisciplina, sem questionar a possibilidade de a indisciplina estar atrelada à sexualidade. Assim, o desenho da sexualidade tem que ser transformado em outro que não evidencie a necessidade de educar para o tema. Desta forma, desviar a atenção para outro assunto se mostra uma tática de burlar a sexualidade sobre a qual as crianças insistem em exaltar e que desejam que seja abordada no ambiente escolar. Observa-se que:

Cumprir falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. (FOUCAULT, 1997, apud ALTMANN, 2015, p. 285).

Ao lembrar que o namoro é categoricamente proibido no interior das instituições de ensino, Pótker (2013) frisa

que esta proibição faz com que muitos orientadores educacionais confundam sexualidade com prática sexual. Por isso a tendência geral de proibir a sexualidade dos educandos para que possa haver o controle destes. Nesse sentido, a escola vista como produtora deste controle é uma preparadora para a vida em sociedade, preparação esta que deve, necessariamente, enquadrar os alunos às normas de sexualidade aceitas pela coletividade.

Póttker (2013) afirma que a referida intervenção sobre a sexualidade dos educandos também está ligada a um objetivo pedagógico direto, que é o aprendizado. Conforme o autor, para grande parte dos orientadores educacionais não é a sexualidade dos aprendentes que incomoda, mas sim a sua influência quanto ao aprendizado. Como exemplo cita-se o caso de um casal de adolescentes, colegas de sala de aula, completamente apaixonados um pelo outro, que ficam a aula inteira olhando-se mutuamente sem prestar atenção em nada do que o professor diz. Por isso a tendência geral é separar a escola da sexualidade, pois neste caso vê-se um detrimento da aprendizagem em favor da sexualidade.

Póttker (2013) identifica a questão de a sexualidade entrar em conflito com os objetivos da escola não como um problema, mas como uma oportunidade de importantes trabalhos junto aos alunos. Desta forma, rejeita a ideia de que toda manifestação da sexualidade deve ser expurgada das salas de aula e sim exposta e debatida neste ambiente.

Outra questão ressaltada por Póttker (2013) é que a tendência adotada pela maioria dos professores e orientadores educacionais é a de associar sexualidade com temas curriculares como corpo humano, doenças sexualmente transmissíveis e outros assuntos afins, aspecto já percebido ao se expor que:

O discurso médico¹ vem legitimar a sexualidade suprimida pelo poder da

Igreja e do Estado, é utilizada para controlar a sexualidade dos sujeitos. Os educadores acabam por tomar esse discurso como o verdadeiro e, dessa forma, se demonstra o discurso que deve predominar na escola e que eles devem veicular sendo professores (SOBREIRA, 2003, p. 36).

Sobreira (2003) concorda que, apesar de toda a provocação dos debates sobre este tema, o discurso biológico/médico ainda impera nos espaços escolares. Textualmente frisa-se que:

As intervenções da Orientação Educacional com respeito à sexualidade fundamentam-se numa visão naturalizada, que a toma como questão objetiva, nos moldes da informação. Cabe à escola por meio não somente das orientadoras educacionais, mas principalmente das/os professoras/es, a transmissão dessas informações sobre a sexualidade, sobretudo, nas disciplinas de biologia ou ciências. Isso se deve ao fato de que a sexualidade é reduzida às práticas sexuais, sendo estas naturalizadas, e o seu ensino visa o cuidado referente à saúde e à prevenção de doenças (BRITZMAN, 2010, p. 52).

Sobreira (2003) menciona a dificuldade dos profissionais da Orientação Educacional em tratarem de temas como a virgindade. Geralmente o discurso vindo dos profissionais desta área é a da exaltação da virgindade, uma vez que ela representa a pureza em relação às doenças que o sexo pode provocar, bem como a pureza em relação aos problemas que uma gravidez não desejada pode oferecer. Mas esse discurso praticamente desmorona ante ao fato de que a virgindade nos dias atuais é um assunto muito mal resolvido, pois a mídia e a própria sociedade transformaram o sexo em sinônimo de “sentir prazer”. Assim, ao aluno não lhe é dada a chance de optar em segurança por uma ou outra decisão, pois o que se encontra a sua volta são somente dois

¹O discurso médico vê a sexualidade como origem de doenças, como é o caso da AIDS, da sífilis e da gonorréia. Assim, o pensamento médico sobre a sexualidade é extremamente frio, lógico e simples: quanto menor for o número de relações sexuais mantidas fora do casamento,

com mais de um parceiro, menor será o número de doenças sexualmente transmissíveis. Assim, para se ter uma vida sã, as pessoas devem anular a sua sexualidade até o casamento, mantendo-se monogâmicas até o final da duração do matrimônio.

pontos de vista díspares, que não se comunicam ente si (a valorização da virgindade e o conceito de “aproveitar as coisas boas da vida”).

Conforme Póttker (2013), quando a sexualidade é vista como sinônimo de práticas sexuais, os profissionais da educação detêm-se mais à questão da prevenção e os riscos para a saúde inerentes a determinados atos sexuais do que à própria sexualidade em si. Essa percepção da relação entre práticas sexuais e doenças reforça uma associação entre sexualidade e a construção de uma nova verdade, que diz que a energia sexual leva ao surgimento de várias moléstias. Assim, essas crenças elevam a vida sexual monogâmica e realizada com um só parceiro ao *status* de padrão de saúde e de comportamento, padrão este a partir do qual todas as outras práticas sexuais são consideradas desviantes. O autor conclui que a escola desde sempre produziu e ainda não parou de produzir esta necessidade de falar sobre a sexualidade e construir verdades sobre o sexo, mesmo que estes discursos na atualidade tenham outras características diferentes daquelas do passado.

Mais um aspecto identificado por Póttker (2013) é que no campo da Orientação Educacional procura-se o controle da sexualidade de alunos e alunas ao tentar ocultar e estigmatizar a diversidade sexual. Em se tratando de práticas não heterossexuais o aprendente, na maioria dos casos, é rodeado pelos profissionais da Orientação Educacional que irão intervir com ele com a intenção de que sua sexualidade “desviante” desapareça, ou no mínimo, permaneça “camuflada”. O autor verifica que este controle é realizado não somente para ocultar, mas com a crença de que a sexualidade que foge à norma hetero não está formada ainda, que ainda está em construção. Então grande parte dos pedagogos crê que tem a capacidade de transformar esta subjetividade em formação, pois ela está seguindo um caminho errado, que não corresponde aos valores da sociedade, etc, o que vai diretamente de encontro ao direito da diversidade e opção sexual.

Sobreira (2003) observa que a idade do aluno se torna mais um motivo para que a sexualidade não seja tratada de maneira aberta com as crianças. Trata-se do famoso discurso de que “elas não estão na idade para isso”. O autor observa que os educadores e orientadores educacionais geralmente não se detêm no fato de que se os alunos estão tendo atitudes sexuais, se estão presenciando a sexualidade na mídia e em outros locais da sociedade, é comum que a demonstração de sua sexualidade seja um pedido para que se trate do tema.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Entende-se que é tarefa e responsabilidade da escola enriquecer a educação de valores que os alunos recebem em suas casas, de suas famílias. Mas, para que esta educação seja realmente fecunda ao educando, os professores e demais pedagogos necessitam acreditar na importância do ensino a respeito da sexualidade, planejando com cuidado suas práticas pedagógicas, evitando, assim, atividades baseadas em concepções equivocadas.

Enfatiza-se a importância da educação sexual nas escolas. Ainda considerada tabu por alguns profissionais da educação, verifica-se que fronteiras necessitam ser rompidas, ligando a escola a outros órgãos, como os de serviço social, saúde, etc, o que só vem a favorecer ao adequado desenvolvimento de crianças e adolescentes, refletindo benéficamente quanto a sua maturidade.

Um grande número de pais não tem atitudes compreensivas para com a criança: enquanto em alguns momentos exigem maturidade de seus filhos em relação a responsabilidades, como as laborais e educacionais, em outras ocasiões os tratam de forma imatura quando, por exemplo, o assunto é a sexualidade. Este estágio da vida é complicado: pode ser um período de criatividade, de expressar os conhecimentos do jovem, não só um período de dificuldades,

mas sim um tempo de qualificar sua vida, ampliar seus saberes.

A fase infanto-juvenil é um período muito rico de desenvolvimento humano, mas também muito frágil. Assim, torna-se necessário que pais, professores, profissionais vinculados à área da saúde e assistência social, dentre outros, unam esforços e busquem aprofundar sempre mais seus conhecimentos para munir-se de condições para entender as crianças e adolescentes neste período tão importante de suas vidas.

Na atualidade já não há mais espaço para aquele educador que se guia pura e simplesmente pelo bom senso: é preciso que tenha pleno domínio sobre conceitos, técnicas, habilidades e competências capazes de promover possibilidades de construção do conhecimento por parte de seus alunos. E este conjunto de habilidades é conseguido quando o professor dispõe-se a aprender mais, participando de cursos, palestras, debates e outras oportunidades de crescimento. Como bem lembra Nóvoa (2001, p. 6): “O aprender contínuo é essencial em nossa profissão. Ele deve se concentrar em dois pilares: a própria pessoa do professor, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

Pode-se perceber que os educadores que atuam no ensino de crianças e adolescentes precisam estar cientes das profundas mudanças pelas quais a educação está passando, e devem manter-se contextualizados com estes fatos. Necessitam, por meio de uma formação continuada, buscar evoluir sempre, tornando-se mediadores entre o saber e seus alunos, além de preocuparem-se em fazer com que os espaços escolares sejam efetivamente vistos como locais de real construção de conhecimentos.

Verifica-se que, não raro, os profissionais da educação procuram esquivar-se de abordar questões relativas à sexualidade juntos aos alunos, comodamente repassando esta incumbência aos familiares do educando. Desta forma, a família passa a

ser encarregada pela guarda da castidade física e mental dos filhos: se os pais forem licenciosos terão filhas e filhos libertinos, e se forem repressores sua prole será pudica. Também pode ocorrer o contrário, mas isso não tem importância para estes profissionais: em sua mentalidade o que importa é repassar a missão do ensino da sexualidade aos pais, isentando-se deste fardo.

Não são poucas as dificuldades e formas inadequadas de tratar a sexualidade junto com os alunos. Contudo observa-se que, em vez de esmorecer e persistir nos velhos erros e inseguranças, os orientadores escolares necessitam munir-se de competências e habilidades capazes de fazê-los abordar com desenvoltura a questão da sexualidade no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo o estudo pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados, pois foi possível discorrer sobre a importância da Orientação Educacional quanto ao tratamento da sexualidade no ambiente escolar; reconhecer a importância da abordagem da educação sexual no processo ensino-aprendizagem realizado de forma mais harmoniosa, tranquila e fecunda pelos alunos; verificar como o trabalho do professor pode ser realizado de maneira mais dinâmica quanto à questão da sexualidade vivida por crianças e adolescentes; e conhecer as principais dificuldades enfrentadas pelos orientadores educacionais no trato da sexualidade com os aprendentes.

A questão problema da pesquisa também foi atingida, visto que foi possível conhecer como a Orientação Educacional pode contribuir para adequadamente abordar o tema sexualidade entre crianças e adolescentes.

A Orientação Educacional é um trabalho complexo, que busca compreender a realidade escolar e seus desafios, construir alternativas que se mostrem adequadas e satisfatórias para todos, estabelecer consistências entre as ações pedagógicas, tornando-as solidárias e não isoladas ou em

conflito umas com as outras. Porém, muitas vezes, o orientador educacional encontra obstáculos para realizar suas atividades. É atropelado pelas urgências e necessidades do cotidiano escolar, além de um grande leque de outras situações.

Um desses entraves é a questão da sexualidade. Não raro, ao tratar deste tema com os alunos, os profissionais da Orientação Educacional não sabem ao certo como agir e que pontos frisar, o que os leva a sentirem-se inseguros. Consequentemente, desperdiçam valiosas oportunidades de tratar deste assunto tão importante para a vida dos educandos, não disponibilizando, assim, este saber tão avidamente procurado por eles.

Verifica-se que a sexualidade se associa à história das sociedades humanas, sendo evidente a relação que se estabelece entre o social e o psicológico. Pode-se

afirmar que a sexualidade é fruto dos aspectos culturais aceitos e cultivados por determinada sociedade, variando de povo para povo, conforme suas características sociais e culturais. Uma vez que os alunos fazem parte de determinada sociedade, não se pode deixar de abordar, no seio escolar, assuntos envolvendo a sexualidade. Por isso, tanto professores quanto orientadores educacionais, necessitam construir um perfil apto a trabalhar este tema com os educandos de forma clara, segura e livre de preconceitos.

Como sugestão para futuras pesquisas aponta-se a importância dos orientadores educacionais devidamente saberem abordar sobre a orientação sexual dos alunos. Tal tema não foi abordado no presente estudo não que tenha menor importância, mas porque não houve espaço hábil para tal.

EDUCATIONAL GUIDELINES: DILEMMAS ON SEXUALITY IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT: This study discusses the importance of educational guiding and the dilemmas experienced by these professionals in the approach of sexuality in the school environment. Elected as the objectives of this research discuss about the importance of the educational orientation regarding the treatment of sexuality in the school environment; recognize the importance of the approach of sexual education in the construction of knowledge performed smoothly by students; check how the teacher's work can be carried out of the dynamic way on the question of sexuality; and know the main difficulties faced by educational guiding in gastrointestinal of sexuality with the learners. To meet the proposal of this work a qualitative approach was chosen, being the report of discursive form, using bibliographic research. The following issues were considered: childhood and adolescence, sexual education of children and adolescents and difficulties and challenges experienced by educational guiding the outflow tract of sexuality with students. The bibliographic research was performed between 28 April and 22 October 2018. As the main results of this work can affirm that: sexuality is inherent in the human being, therefore the need to be addressed in the school environment; and usually teachers and pedagogues have difficulties in working on this issue with the students. It is concluded that the educators, among them the active in the area of Educational Guidance, they need to overcome their difficulties regarding the treatment of sexuality in schools through the construction of a proper profile, which will be of great importance to the proper understanding of this issue on the part of the learners.

KEYWORDS: Sexuality. Orientation. Students.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. **Orientação sexual em uma escola:** recortes de corpos e de gênero. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12>>. Acesso em: 13 mai. 2018.
- BOUZAS, Isabel; MIRANDA, Ana Teresa. **Gravidez na adolescência. Adolescência & Saúde**, v. 1, n.1, mar./ 2004. Disponível em:

<http://scholar.google.com.br/scholar?cluster=5791775774414416954&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_ylo=2003&as_yhi=2013>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 83-111.

LEVISKY, David Léo. **O adolescente no adulto**. Instituto de Psicologia - USP - Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica, Out./2002. Disponível em: <<http://www.davidleolevisky.com.br/artigos/O%20adolescente%20no%20adulto.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

LISBOA, Antônio. **O seu filho no dia a dia: dicas de um pediatra experiente**. Brasília: Linha Gráfica, 1998.

MOTTA, Débora. **Uma análise da adolescência ao longo da história**. Disponível em: <http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=6100>. Acesso em: 23 set. 2018.

NÓVOA, Antonio. Profissão: professor. In: **Fala, mestre!**, n. 142. mai. 2001. Disponível em: <<http://www.novaescola.abril.com.br/ed/142.htm>>. Acesso em: 19 out. 2018.

PÓTTKER, Érico Sartori. **A orientação educacional e os territórios narrativos de gênero e sexualidade na escola**. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/31748/R%20-%20D%20-%20ERICO%20SARTORI%20POTTKER.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

SCOTTINI, Alfredo. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Todo Livro, 1998.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2003.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Lúcia; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. **A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado**. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 14, n. 2, p. 199-206, mar./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n2/v14n2a08.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SILVA, Paulo Sérgio Modesto da; VIANA, Meire Nunes. **O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget**. 2001. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0250.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2018.

SOBREIRA, Alessandra de Castro Lima Guerrieri. **Orientação Educacional e sexualidade no cotidiano escolar: concepções docentes**. 2003. 40 f. Monografia (Graduação em Orientação Educacional) - Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://www.avm.edu.br/monopdf/4/ALESSANDRA%20DE%20CASTRO%20LIMA%20GUERRIERI%20SOBREIRA.pdf>>. Acesso em: 10 ag. 2018.

XIMENES NETO, Francisco Rosemiro Guimarães et al. **Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes.** Rev. bras. enferm., v. 60, n.3, 2007, p. 279-285. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n3/a06.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018.